

EVA COLECTIVA

MEMÓRIAS

ANA CLARA O. HALFELD¹

BRASIL

*Hoje o céu não tem lua,
Hoje minha angústia corroe os meus ossos e remove os meus pensamentos
soturnos
Minha alma já quase vazia de esperança, se deixa levar pelos rios do tédio, do
desemparo e da loucura, pois, na loucura encontro razão, conforto e equilíbrio.
Lá não há o que balizar, não há nada o que me surpreenda
(h)as expectativas em demasia... são o cerne do meu abalo.*

Lidar com o outro, gera frustrações, expectativas, decepções e esforço, contudo, o olhar para si mesmo, torna o maior desafio que viemos a enfrentar.

O espaço da mulher tende a ser ocupado constantemente pelo outro porque ela assim o permite. A história nos há reservado o lugar de coadjuvante, daquela que acolhe sem julgar, do amor incondicional. Não é atoa que se ouve dizer que a mulher é mãe por natureza, não há escolha. Nisto, poderíamos fazer até um ensaio, uma tese ou um simples artigo sobre a luta feminina pelo poder de escolha quanto aos seus corpos, dissertar sobre o corpo da mulher como máquina de reprodução humana e do patriarcalismo, contudo, não quero entrar em diretrizes sociológicas, só digo o seguinte, quando há escolha sobre ser ou não mãe e escolhermos não o ser, é fato que somos imediatamente julgadas, enquadradas como loucas, malévolas ou sem coração.

O esteriótipo de mulher-mãe, condiciona todo um gênero a uma linha direta com o destino, pois, depois de dar à luz, a mulher se torna um ser imutável, intocável, santificada. Seu destino acaba ali, somente à espera do fechar eterno dos olhos.

Por outro lado, a mulher enquanto ser sexual, deverá guardar-se para um único homem, jamais, deverá gozar da liberdade do seu corpo lhe pertencer. A sua sexualidade deverá ser sempre escondida, como dizemos os brasileiros, “santa perante a sociedade e prostituta na cama”. Ademais, fruir de um variado número de parceiros sexuais, a torna tão somente objeto de satisfação da luxúria, descaracterizando todo o seu ser humano quanto dotado de diversas *personas*.

Nos casos em que a mulher escolhe e goze de sua liberdade, deverá se preparar para rejeições, comparações, preconceitos e diminuição perante às demais. Isso cria entre as

¹ Abogada, Investigadora de la Redipal, contacto: halfeldadvogada@gmail.com

próprias mulheres, competições imaginárias em que aquela que não segue os instintos do seu próprio corpo, portanto, reprime-se, é a mais elevada dentre as mulheres. E, neste ponto, permita-me utilizar de um exemplo que logo me fará ser acusada de heresia, mas é evidente essa concepção da mulher como ser fora do alcance sexual quando pensamos em Maria, Mãe de Jesus Cristo que, intocada fora capaz de conceber um filho.

Falando em liberdade, há aquelas que trabalham, comumente realizam dois ou três turnos, cuidam dos filhos, da casa e do marido que costuma dar mais trabalho do que os demais. A ele, ela deverá ser a esposa que se mantém dentro da fantasia patriarcal, muitas vezes a cópia da sogra, (neste momento, Édipo, se tivesse de fato existido, se reviraria no túmulo, mas como não, deixamos para Freud as movimentações pós-morte). O próprio cenário trabalhista em que homens e mulheres embora exerçam a mesma função, paga maiores salários a eles, contribui com o quadro apresentado.

Logo, não é incomum observarmos as mulheres insatisfeitas, cansadas e desanimadas com a própria vida, desde as que ainda não se casaram e moram com o companheiro, namorado ou noivo. Não são poucas as notícias que retratam esse quadro, contudo, continuamos também a ser uma das peças desse maquinário que cria homens de forma diferenciada do que cria mulheres, concedendo a estes privilégios e deveres em razão do gênero a qual pertencem.

Não podemos esquecer daquelas que se permitiram conhecer e tiveram a coragem de seguir com os seus desejos, revelando o amor por outra mulher. Trata-se do estágio temido por muitos como o fim da procriação humana ou da própria humanidade. Não consigo imaginar os preconceitos, os desafios e até aqueles momentos em que, por mais que não haja segundas intenções nas perguntas feitas, mas tão somente uma curiosidade ou qualquer outra denominação que me foge pela ausência de vivência e saber, haverá de se ter no mínimo paciência para responder (é claro, se o quiserem).

A vontade feminina dominada sob o poder patriarcal poderia ser exemplificada como o chamado efeito observador, numa explanação simplista e que, porventura poderá exaltar os ânimos de um especialista (e logo, já peço perdão), trata-se de um fenômeno da física quântica em que a mera observação poderá alterar o estado de uma partícula. Dessa forma, o simples apontar de dedos é capaz de modificar prontamente todo o comportamento de uma mulher, moldando-o ao que se espera, ao desejado.

Por conseguinte, tornamos alvos fáceis, manipuláveis, dessa forma, não seria surpresa que caso uma mulher voltasse os olhos a dita tal liberdade ou ao simples questionamento, pilar de todo o conhecimento humano, sermos coibidas e por vezes, agredidas para voltarmos a ser o que acreditam que somos. Assim, quantas de nós conhece um caso de relacionamento abusivo? Talvez, a melhor pergunta seja: quantas de nós nunca ouviu falar em um caso de relacionamento abusivo, tóxico?

Portanto, surge a questão sobre o que fazer com tantas informações?

“O essencial é invisível aos olhos”, a frase retirada do livro *“O pequeno príncipe”* de Antoine de Saint-Exupéry não poderia encaixar melhor nesta próxima fase. Não conheço algo tão forte no ser humano quanto a sua intuição. Intuição nada mais é do que o conhecimento daquilo que não se pode explicar, é a vontade sem razão. O levantar de uma mulher começa no seu autoconhecimento.

Conhecer-se é a primeira etapa antes do se aceitar e, posteriormente, o amor próprio, tão pouco cultivado entre todos nós, raça humana. Algo que aparentemente, simples, suave, mas que depende de uma qualidade essencial que é auto-conhecimento e o perdão. Perdoar quem você foi, as coisas com as quais concordou e aquelas em que simplesmente ficou em silêncio. O silêncio às vezes cura e às vezes corroí. Eis o meu desejo a todos e todas, o auto-conhecimento, o amor próprio.

Por outro lado, não se pode considerar que o objetivo desse texto seja utilizar o autoconhecimento como resposta padrão aos métodos de repressão da vontade feminina, limitar o pensamento seria novamente enquadrar uma ação a um novo movimento. O que se prega é a liberdade de questionar, a livre escolha de manter ou erradicar um comportamento, escolhendo aquilo que a faz sentir melhor e, por fim, não trabalhar sozinha, vez que somos uma rede viva de seres humanos, homens e mulheres. Ora, não se pretende fazer uma guerra dos sexos, mas a difusão do cenário atual é necessária, instigar o questionamento e a manutenção e ampliação da liberdade.

Enfim, o leitor deve estar se perguntando que este texto não possui uma linha direta de raciocínio levando-o a uma opinião determinada ou talvez uma crítica, contudo, já adianto, fazendo uma metáfora, a vida não se trata de preto e branco, sim e não, dualidades, a nossa própria existência não possui fundamento, simplesmente vivemos até o dia que nos é permitido. Assim se faz este texto, uma junção de pensamentos sobre a realidade que, assim como ela não possui um final predeterminado, possível de expectativa. Os textos, na minha opinião, devem permitir o leitor a divagação, a construção do seu próprio final, permitir o direito à escolha, assim como, deveríamos ter nos permitido, mulheres, há muito tempo, mas tudo bem, *omnia tempus habent*.

Referências

SITE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA. Efeito do Observador faz energia fluir contra a corrente. 23/10/2017. Online. Disponível em www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/noticia.php?artigo=efeito-observador-faz-energia-fluir-contra-corrente. Capturado em 24/05/2020.

COMO a desigualdade no pagamento entre homens e mulheres prejudica a economia brasileira.

Luiza Franco e Paula Adamo Idoeta. BBC News Brasil em São Paulo. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46655125>> Acesso em 24/05/2020.

